

Representação da homossexualidade e da negritude na telenovela *A Próxima Vítima*: uma reflexão crítica na historiografia da teledramaturgia brasileira

RESUMO

Jéfferson Balbino

 Universidade Federal da Paraíba,
João Pessoa, PB, Brasil
 jefferson.balbino@unesp.br
 <http://orcid.org/0000-0002-2516-5122>

A telenovela *A Próxima Vítima*, escrita por Silvio de Abreu, produzida e exibida pela TV Globo em 1995, trouxe à tona questões centrais sobre a representação da homossexualidade e da negritude na televisão brasileira. A obra inovou ao apresentar, de maneira inédita, uma família negra de classe média alta, rompendo com estereótipos historicamente presentes na teledramaturgia nacional. Além disso, incluiu o personagem Jefferson (interpretado por Lui Mendes), um jovem homossexual enfrentando preconceitos e desafios sociais. Para compreender o impacto dessas representações, este artigo dialoga com as perspectivas de George Reid Andrews (1998), que examina as dinâmicas raciais no Brasil, Douglas Kellner (2001), que aborda a mídia como um campo de disputas ideológicas e culturais e Joel Zito de Araújo (2004), que analisa a invisibilidade e os estereótipos da população negra na mídia brasileira. A partir dessas referências teóricas, a análise investiga como *A Próxima Vítima* contribuiu para o debate sobre diversidade e inclusão na mídia, considerando seus avanços e limitações. O estudo também avalia a recepção da telenovela pelo público e pela crítica, refletindo sobre a importância da teledramaturgia na construção de imaginários sociais e na promoção de debates sobre identidade, raça e sexualidade no Brasil.

Palavras-chave: Telenovela. Representatividade. Negritude e Homossexualidade.

Representation of Homosexuality and Black Identity in the telenovela *A Próxima Vítima*: a critical reflection in the historiography of brazilian television drama.

ABSTRACT

The telenovela *A Próxima Vítima*, written by Silvio de Abreu, produced and broadcast by TV Globo in 1995, brought to light central issues regarding the representation of homosexuality and Black identity on Brazilian television. The production was groundbreaking in portraying, for the first time, an upper-middle-class Black family, breaking with stereotypes historically present in national television drama. Additionally, it included the character Jefferson (played by Lui Mendes), a young homosexual facing prejudice and social challenges. To understand the impact of these representations, this article engages with the perspectives of George Reid Andrews (1998), who examines racial dynamics in Brazil, Douglas

Kellner (2001), who explores the media as a field of ideological and cultural disputes, and Joel Zito de Araújo (2004), who analyzes the invisibility and stereotypes of the Black population in Brazilian media. Based on these theoretical references, the analysis investigates how *A Próxima Vítima* contributed to the debate on diversity and inclusion in the media, considering its advancements and limitations. The study also assesses the telenovela's reception by the public and critics, reflecting on the importance of television drama in shaping social imaginaries and fostering discussions on identity, race, and sexuality in Brazil.

Keywords: Telenovela. Representation. Black Identity and Homosexuality.

1 INTRODUÇÃO

"As novelas são muito importantes no Brasil, porque ensinaram os brasileiros a assistir a si mesmos, em português. Elas foram fundamentais para nos fazer viciados em nós mesmos, para que a gente não fosse tão colonizado por culturas estrangeiras" (Fernanda Torres)¹.

A teledramaturgia brasileira tem sido um dos principais veículos de comunicação e formação de imaginários sociais desde sua consolidação como produto midiático de massa. De acordo com Napolitano (2003, p. 89), as telenovelas podem ser consideradas um "termômetro social", pois refletem e ao mesmo tempo influenciam os temas, valores e comportamentos predominantes em determinada época. Dentro desse contexto, a telenovela *A Próxima Vítima*, exibida em 1995, pela Rede Globo, destacou-se como uma produção inovadora ao abordar temas sociais relevantes como a homossexualidade e a negritude, rompendo com padrões narrativos e representativos predominantes na televisão brasileira até então.

A relevância da teledramaturgia no Brasil transcende o entretenimento, alcançando o campo da construção de discursos identitários e da problematização de questões sociais. Como aponta Balbino (2016, p. 32), "as telenovelas não apenas refletem a sociedade, mas também desempenham um papel ativo na formação de valores e identidades culturais". Essa relação entre ficção e realidade torna-se evidente na maneira como *A Próxima Vítima* trouxe representações pioneiras da população negra e LGBTQIA+² dentro da teledramaturgia brasileira.

No que tange à representação da negritude, a telenovela rompeu com a tradição de retratar personagens negros em posições subalternas. Segundo Silvio de Abreu (apud Balbino,

¹ A atriz Fernanda Torres compartilhou o depoimento mencionado em uma entrevista concedida à revista *Deadline Hollywood* em fevereiro de 2025, durante a campanha para o Oscar, na qual concorreu ao prêmio de Melhor Atriz pelo filme *Ainda Estou Aqui* (2024). Na conversa, Fernanda relembrou sua experiência no remake da telenovela *Selva de Pedra* (1986), exibida quando ela tinha 19 anos, e destacou a importância das telenovelas brasileiras na formação da identidade nacional. Ela afirmou que as telenovelas foram fundamentais para que os brasileiros aprendessem a se ver na tela e para que o país não fosse tão colonizado por culturas estrangeiras. A entrevista está disponível em inglês no perfil oficial da *Deadline* no X (antigo Twitter): <https://x.com/Haddefinir/status/1890822581776691521>. Acesso em 27/04/2025.

² A sigla LGBTQIA+ representa a diversidade de orientações sexuais e identidades de gênero. Cada letra possui um significado específico: **L** refere-se a lésbicas, mulheres que sentem atração afetiva e/ou sexual por outras mulheres; **G** corresponde a gays, homens que se relacionam afetiva e/ou sexualmente com outros homens; **B** representa os bissexuais, pessoas que se atraem por mais de um gênero; **T** indica as pessoas transgênero, que não se identificam com o gênero que lhes foi atribuído no nascimento; **Q** diz respeito a queer (termo guarda-chuva para identidades que desafiam as normas de gênero e sexualidade) ou questionando, para aqueles que estão explorando sua identidade; **I** representa os intersexuais, pessoas que nascem com características sexuais (genitais, hormonais e/ou cromossômicas) que não se encaixam nas definições típicas de masculino ou feminino; **A** engloba os assexuais, que sentem pouca ou nenhuma atração sexual, e também pode incluir os aliados, que apoiam a causa LGBTQIA+; + simboliza a inclusão de outras identidades e expressões de gênero e sexualidade que não estão explicitamente mencionadas na sigla.

2016, p. 48), autor da obra, a criação de um núcleo de personagens negros de classe média visava desmistificar a ideia de que não existiam negros bem-sucedidos no Brasil.

Silvio de Abreu prendeu a atenção de todos os brasileiros com a envolvente e enigmática *A Próxima Vítima*, que retratava uma série de misteriosos e indecifráveis assassinatos. A trama trouxe a discussão da homossexualidade masculina através da relação dos personagens Jefferson (Lui Mendes) e Sandrinho (André Gonçalves), e o impacto causado não se restringia apenas no fato de formarem um casal gay, mas também pelo fato de um ser negro e o outro branco. Essa novela também retratou outras características presentes na sociedade brasileira como os relacionamentos de pessoas de diferentes idades e a questão da prostituição (Abreu *Apud* Balbino, 2016, p. 48).

Essa abordagem diferenciada dialoga com as reflexões de Joel Zito de Araújo (2004, p. 79), que aponta a "invisibilidade histórica dos negros na teledramaturgia brasileira e o predomínio de estereótipos que os restringiam a papéis de empregados domésticos, motoristas e criminosos". Ao trazer personagens negros em posições de destaque social e econômico, *A Próxima Vítima* representou um marco na tentativa de reconfigurar essas narrativas.

Como dito anteriormente, a telenovela também se destacou pela abordagem da homossexualidade, especialmente por meio da relação entre os personagens Jefferson (Lui Mendes) e Sandrinho (André Gonçalves). A representação de um casal gay inter-racial em um produto de grande audiência foi um avanço significativo, considerando que, até então, a homossexualidade era frequentemente retratada de maneira caricata ou associada a aspectos negativos. Como observa Douglas Kellner (2001, p. 35), a mídia televisiva é um espaço de disputas ideológicas, onde representações simbólicas são continuamente negociadas e redefinidas. Nesse sentido, a telenovela contribuiu para ampliar a visibilidade e humanização das experiências LGBTQIA+ na TV brasileira.

A análise de *A Próxima Vítima* permite compreender como a teledramaturgia pode atuar como um espaço de resistência e transformação social. O impacto da telenovela não se restringiu à esfera ficcional, mas reverberou na recepção do público e na crítica especializada, fomentando debates sobre representatividade e diversidade. Como destaca George Reid Andrews (1998, p. 112), "[...] a questão racial no Brasil é marcada por um processo contínuo de afirmação e contestação, no qual a mídia desempenha um papel crucial".

Diante desse cenário, este artigo propõe uma análise crítica sobre as representações da homossexualidade e da negritude em *A Próxima Vítima*, considerando os avanços e limitações da obra no contexto da teledramaturgia brasileira. Por meio do diálogo com teóricos como Joel Zito de Araújo, Douglas Kellner e George Reid Andrews, busca-se compreender a

relevância dessa produção televisiva na construção de imaginários sociais e na promoção de debates sobre identidade, raça e sexualidade no Brasil.

2 O CONTEXTO SOCIOPOLÍTICO DA ÉPOCA DE PRODUÇÃO DA TELENOVELA

A década de 1990 no Brasil foi marcada por profundas transformações econômicas, políticas e sociais, refletindo diretamente nas produções culturais do período. A exibição de *A Próxima Vítima* (1995) coincidiu com um momento de redemocratização do país, em que temas como desigualdade racial, diversidade sexual e inclusão social começaram a ganhar maior espaço no debate público.

O Brasil havia saído recentemente de um período de instabilidade econômica causado por sucessivos planos de controle da inflação. O Plano Real, implementado em 1994, trouxe certa estabilidade financeira ao país, mas as disparidades sociais ainda eram latentes. O país vivia um contexto de crescente urbanização e mudanças culturais, impulsionadas pelo avanço da televisão como principal meio de comunicação e formação de opinião nacional.

Segundo Napolitano (2003, p. 89), “as telenovelas, sobretudo no Brasil e em outros países do chamado Terceiro Mundo, são uma espécie de termômetro social, permitindo mapear quais os temas, atitudes, valores e comportamentos que ocupam o dia a dia de uma sociedade”. Assim, *A Próxima Vítima* não apenas refletia a sociedade brasileira dos anos 1990, mas também contribuía para ampliar discussões sobre preconceitos e desigualdades presentes no país.

Ainda, nos anos 1990, a televisão brasileira passou a apresentar abordagens mais realistas e sociais em suas narrativas. O período foi marcado por uma abertura maior para a representação de minorias e temas polêmicos, refletindo uma sociedade que buscava consolidar valores democráticos. *A Próxima Vítima* inovou ao trazer personagens negros de classe média e um casal homossexual em um relacionamento inter-racial, rompendo com padrões narrativos tradicionais da teledramaturgia brasileira.

O autor da telenovela, Sílvio de Abreu, destacou em entrevistas que sua intenção era questionar preconceitos de maneira orgânica dentro da narrativa:

A Próxima Vítima [...] era uma novela essencialmente contra o preconceito. Por isso havia uma família de negros de classe média. Eu achava um absurdo, como sempre achei, não ter tido nenhuma família assim em novelas, quando no Brasil existem tantas. Quando essa família estreou na televisão, os críticos foram impiedosos, dizendo que era um absurdo, que não existia esse tipo de família, que ela era idealizada a partir da família americana, e não sei o quê. Dois anos depois, foram

descobrir que existem sete milhões de pessoas vivendo nas mesmas condições que aquela família” (Memória Globo, 2008, p. 311).

Essa tentativa de representatividade se insere em um contexto de mudanças graduais no mercado audiovisual brasileiro. Afinal, para o novelista:

Nós vivemos num país que não assume seus preconceitos, mas que é extremamente preconceituoso. É preconceituoso com as mulheres, com os negros, com japonês, com nordestino, com homossexual, com judeu. Qualquer referência que se faça a isso, você já está dando uma contribuição social ao país. Acho que essa é uma função da novela (Memória Globo, 2008, p. 311).

Em consonância, o pesquisador Joel Zito de Araújo (2006), a invisibilidade histórica dos negros na teledramaturgia brasileira e o predomínio de estereótipos contribuíram para reforçar a desigualdade racial na sociedade brasileira. Ao trazer uma família negra de classe média para o centro da trama, *A Próxima Vítima* rompeu com essa lógica predominante.

Além disso, a trama trouxe uma abordagem inédita para a homossexualidade. O casal Sandrinho e Jefferson enfrentava desafios e preconceitos de forma realista, algo que ainda era raro na teledramaturgia da época. A repercussão da trama demonstrou tanto o avanço na aceitação do público quanto às resistências existentes em uma sociedade ainda conservadora.

O impacto de *A Próxima Vítima* foi sentido não apenas no campo da teledramaturgia, mas também no debate público sobre questões de identidade, preconceito e inclusão social. O Brasil vivia um momento de reconfiguração política, com a consolidação da democracia e a ascensão de novas pautas sociais.

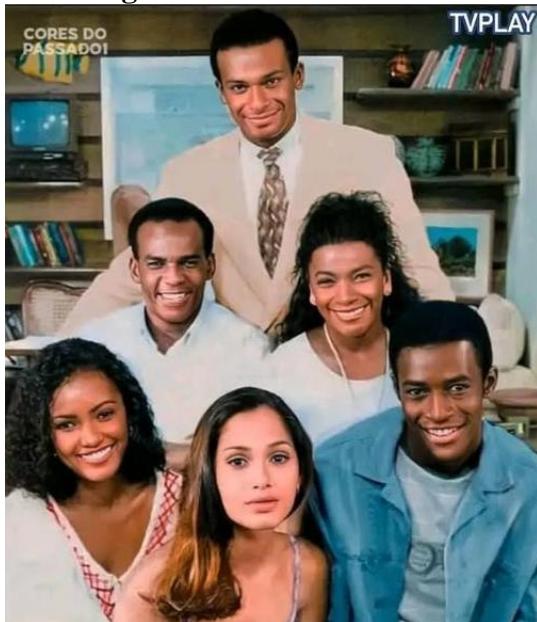
Nesse sentido, a telenovela não apenas refletia as transformações sociais da época, mas também ajudava a moldar discursos e percepções sobre raça e sexualidade na sociedade brasileira. Sua recepção pelo público e pela crítica evidenciou a necessidade de ampliar a diversidade nas narrativas televisivas e abrir espaço para debates mais profundos sobre representatividade e justiça social.

3 A PRÓXIMA VÍTIMA: UMA CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA REPRESENTAÇÃO NEGRA

A telenovela *A Próxima Vítima* (1995) inovou ao apresentar uma família negra de classe média alta, algo raro na teledramaturgia brasileira da época. O núcleo da família Noronha, liderado por Kléber Noronha (Antônio Pitanga), rompeu com a tradição de relegar personagens negros a papéis secundários ou subalternos, desafiando os padrões predominantes da televisão brasileira.

A trama explorou diversos conflitos internos e externos relacionados ao racismo e às relações inter-raciais. Um dos eixos narrativos centrais envolvia Sidney (Norton Nascimento), filho de Kléber, que manifestava resistência ao relacionamento de sua irmã Patrícia (Camila Pitanga) com um jovem branco. Essa subtrama desafiava diretamente o mito da democracia racial no Brasil, questionando a ideia de que a miscigenação brasileira resultou em uma sociedade livre de preconceitos. Como aponta George Reid Andrews (1998, p. 112), “[...] o Brasil, apesar de sua retórica de harmonia racial, sempre manteve barreiras invisíveis à ascensão social da população negra, reforçadas pela ausência de representações positivas na mídia”.

Figura 1 - Família Noronha



Fonte: TV Play

Essa abordagem trouxe à tona discussões sobre preconceito e identidade racial, refletindo a realidade de muitos brasileiros.

A escolha de Sílvio de Abreu de retratar uma família negra sem centrar sua narrativa exclusivamente no racismo foi um marco importante. Em entrevista ao livro *Autores – Histórias da Teledramaturgia* (2008, p. 312), o novelista explicou sua abordagem:

Achava que, toda vez que o negro aparecia na televisão, ele vinha para reclamar. Ninguém gosta de gente reclamando, é muito chato. Eu disse [...] para os atores daquele núcleo que eu queria uma família em que houvesse identificação com o público. Eu queria provar, para a televisão – e para os outros autores também –, que uma família de negros dá tanta audiência quanto uma família de brancos [...]. Era uma família que todo mundo achava bonita. Quando aparecia algum conflito, eles se uniam para resolver, era a família ideal de novela. A única família assim era a família dos negros (Memória Globo, 2008, p. 312).

A declaração de Silvio de Abreu suscita reflexões críticas. Se, por um lado, a representação da família Noronha foi inovadora ao fugir dos estereótipos tradicionais, por outro, a decisão de evitar a problematização mais direta do racismo pode ser vista como uma suavização da realidade. Como destaca Araújo (2004, p. 83), "a construção de personagens negros idealizados pode, paradoxalmente, reforçar o silenciamento sobre o racismo estrutural brasileiro".

A recepção da família Noronha pelo público foi amplamente positiva, demonstrando que personagens negros podiam ocupar posições centrais na teledramaturgia sem prejuízo da audiência. A repercussão da trama abriu caminho para representações mais diversas na televisão brasileira, ainda que de maneira gradual e limitada.

No entanto, é importante destacar que a inclusão da família negra de classe média em *A Próxima Vítima* não significou uma transformação imediata da representatividade negra na TV. Com base na concepção teórica do filósofo e historiador americano Douglas Kellner (2001), compreendemos o papel central da mídia como um poderoso catalisador na sociedade brasileira, marcada por profundas desigualdades sociais e raciais. A cultura midiática não apenas reflete, mas também influencia a construção de identidades e percepções sociais, impactando diretamente a forma como os indivíduos interpretam questões de classe, raça, etnia, sexualidade e nacionalidade. Contudo, essa influência nem sempre ocorre de maneira crítica ou consciente, uma vez que muitos consumidores assimilam as representações midiáticas sem questionamento, reproduzindo discursos e estereótipos que podem reforçar estruturas de exclusão e desigualdade.

Dessa forma, a mídia não apenas informa, mas também participa ativamente da construção de imaginários sociais, moldando a percepção que os indivíduos têm de si mesmos e do mundo ao seu redor. Ainda que *A Próxima Vítima* tenha quebrado paradigmas, a indústria televisiva continuou reproduzindo muitas das mesmas exclusões e estereótipos nos anos seguintes.

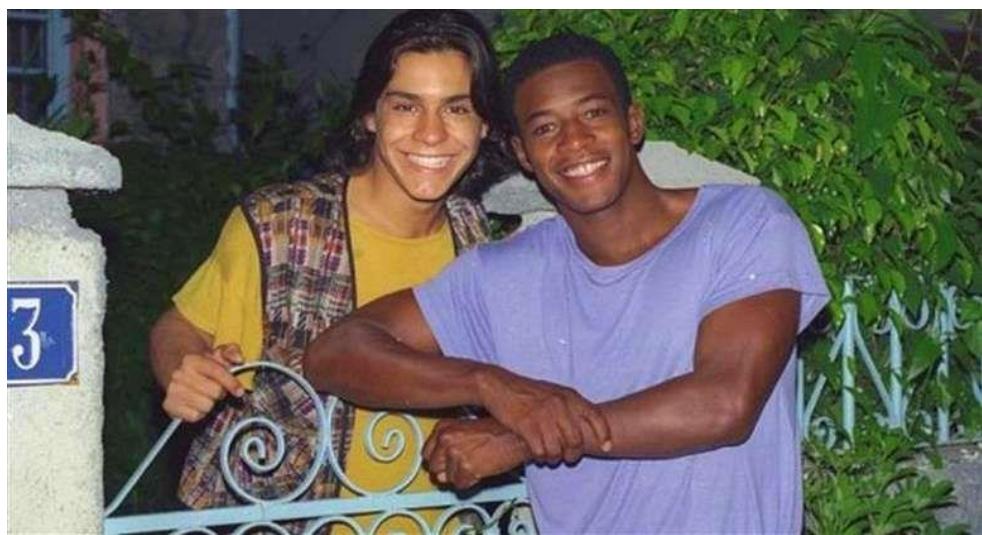
O impacto da telenovela, portanto, deve ser analisado dentro de um contexto mais amplo: se por um lado ela marcou uma importante inflexão na representação negra na TV brasileira, por outro, expôs os desafios contínuos da luta por uma teledramaturgia verdadeiramente plural e representativa, algo que atualmente estamos vendo com diversas atrizes negras protagonizando todas as telenovelas inéditas da TV Globo: *Garota do Momento* (no horário das seis); *Volta por Cima* (no horário das sete) e *Mania de Você* (no horário das nove).

4 REPRESENTAÇÃO DA HOMOSSEXUALIDADE EM A PRÓXIMA VÍTIMA

A telenovela *A Próxima Vítima* (1995) foi pioneira ao trazer para a teledramaturgia brasileira um casal homossexual masculino representado de forma sensível e realista. O relacionamento entre Sandrinho (André Gonçalves) e Jefferson (Lui Mendes) foi um marco na televisão brasileira, tanto por sua abordagem dramática quanto pela forma como refletia o preconceito e as dificuldades enfrentadas por jovens LGBTQIA+ no Brasil da década de 1990.

O desenvolvimento da homoafetividade entre os personagens não aconteceu de forma abrupta, mas sim gradativamente, com indícios discretos que foram crescendo ao longo da trama. A narrativa construiu a relação entre os dois jovens como uma amizade sincera, marcada por companheirismo e carinho, que aos poucos se revelou um sentimento amoroso. Desde os primeiros capítulos, Jefferson demonstrava uma preocupação especial por Sandrinho, o que já sugeria uma conexão afetiva mais profunda. Em um primeiro momento, o personagem confidenciou à irmã, Patrícia (Camila Pitanga), que estava apaixonado, mas sem revelar o nome da pessoa, um indício do conflito interno vivido por ele e que seria um dos eixos dramáticos da telenovela.

Figura 2: Sandrinho e Jefferson



Fonte: TV Globo/Divulgação

Ao longo da narrativa, a tensão em torno da sexualidade de Jefferson foi crescendo dentro de sua família. A mãe, Fátima (Zezé Motta), demonstrava incômodo ao perceber que o filho não namorava garotas e saía constantemente com Sandrinho. O diálogo entre os dois revelou a forma como a sociedade da época enxergava a homossexualidade, marcada pelo

estranhamento e pelo preconceito: Fátima: “Jéfferson, olha pra mim: você e o Sandro são apenas amigos?” (*A próxima vítima*, Capítulo 71, 01/06/1995).

A pergunta de Fátima não foi respondida naquele momento, pois a conversa foi interrompida. No entanto, ela expôs a pressão social para que os jovens seguissem um padrão heteronormativo, reforçando a ideia de que “é normal um rapaz da idade dele ter uma namorada”. A preocupação da mãe era compartilhada por Ana (Susana Vieira), mãe de Sandrinho, que, ao longo da trama, chegou a sugerir que o filho procurasse um médico, tratando a homossexualidade como uma fase passageira ou uma doença.

Essa construção dramatúrgica reflete o pensamento predominante da sociedade brasileira nos anos 1990. Embora o país já estivesse em um processo de redemocratização e mudanças culturais, a homofobia ainda era amplamente aceita e pouco discutida. A ideia de que a homossexualidade era um desvio a ser corrigido era comum, e a telenovela expôs essa visão de forma crítica, ao apresentar personagens que tentavam “consertar” seus filhos.

O autor de *A Próxima Vítima*, Sílvio de Abreu, sabia que abordar um relacionamento homoafetivo na televisão aberta seria um grande desafio. Em entrevista ao *Memória Globo* (2008, p. 312-313), ele explicou sua estratégia para garantir a aceitação do público:

A partir do momento em que você mostra na televisão que um casal homossexual pode ser bem aceito, a sociedade passa a olhar de uma maneira diferente ou, ao menos, passa a discutir a possibilidade de estar errada, de estar vendo aquilo com preconceito. Primeiro, queria mostrar que eles [Sandrinho e Jefferson] eram bons amigos, bons filhos, bons estudantes, enfim, pessoas adoráveis. Queria que o público gostasse deles, para depois dizer: ‘Ah, esqueci! Eles são homossexuais também’. Aí o público já estava gostando e não tinha por que colocar o preconceito na frente.

A estratégia adotada pelo autor foi eficaz. Ao construir os personagens como figuras queridas pelo público antes de revelar sua orientação sexual, ele conseguiu criar uma conexão emocional com os telespectadores, reduzindo a rejeição inicial ao casal. Além disso, ele propositalmente criou um personagem negro e homossexual, o que forçava a sociedade a lidar com dois preconceitos simultaneamente.

Fiz uma armadilha para os preconceituosos: coloquei um negro homossexual. Assim, eles tinham dois preconceitos com que se preocupar. O resultado foi excelente em todos os pontos de vista. [...]. Ser ou não homossexual não muda o caráter de uma pessoa (Memória Globo, 2008, p. 312-313).

A abordagem de Sílvio de Abreu rompeu com o padrão da teledramaturgia brasileira, que, até então, representava personagens LGBTQIA+ de maneira caricatural ou marginalizada. Ao inserir um casal homoafetivo na narrativa central de *A Próxima Vítima*, a telenovela contribuiu para a visibilidade LGBTQIA+ na mídia brasileira.

Ao longo da trama, Jefferson enfrentou um intenso conflito interno, evidenciado por sua tentativa de se relacionar com Rosângela (Isabel Fillardis). Em determinado momento, ele chegou a afirmar que gostou do beijo da jovem e tentou se convencer de que poderia manter um relacionamento heterossexual. No entanto, suas recaídas emocionais e o sofrimento causado por essa negação de sua identidade demonstravam o impacto da repressão social.

Em uma das cenas mais emocionantes da telenovela, Sandrinho confronta Jefferson, dizendo que não queria mais vê-lo tentando forçar um relacionamento com uma mulher. O conflito entre os dois culmina em uma conversa decisiva, na qual Jefferson admite seu sofrimento e chora, demonstrando sua dificuldade em se aceitar. Essa jornada reflete a realidade de muitos jovens LGBTQIA+ da época, que enfrentavam não apenas o preconceito externo, mas também a luta interna para compreender e aceitar sua identidade.

A tensão entre Jefferson e sua família atingiu seu ápice quando ele finalmente declarou sua homossexualidade durante o jantar. A reação foi intensa: Fátima e Sidney ficaram revoltados, enquanto sua irmã Patrícia foi a única a apoiá-lo, como é possível observar no seguinte diálogo: *Sidney: “Isso é coisa de sem-vergonha!”.* *Fátima: “Isso é doença! Vamos procurar um médico”* (A próxima vítima, Capítulo 193, 21/10/1995).

A agressão verbal de Sidney e a insistência de Fátima em tratar a homossexualidade como um problema médico refletem a mentalidade conservadora da época. Em resposta, Jefferson se mostrou firme e decidido, recusando-se a aceitar qualquer tentativa de “cura”.

Essa sequência de eventos representou um dos momentos mais impactantes da telenovela, pois expôs a violência familiar e social sofrida por pessoas LGBTQIA+. Como destaca George Reid Andrews (1998, p. 112), “[...] a questão racial e a orientação sexual no Brasil são marcadas por processos contínuos de afirmação e contestação, nos quais a mídia desempenha um papel crucial”.

Nesse sentido, *A Próxima Vítima* foi um divisor de águas na representação da homossexualidade na televisão brasileira há 30 anos. A relação entre Sandrinho e Jefferson foi desenvolvida com profundidade, explorando as dificuldades enfrentadas por jovens LGBTQIA+ em um país onde o preconceito ainda era predominante. A recepção do público, embora positiva em muitos aspectos, também revelou as resistências sociais à inclusão de narrativas homoafetivas na mídia.

O casal Sandrinho e Jefferson marcou a história da teledramaturgia brasileira ao oferecer uma representação mais realista da homossexualidade, abordando os desafios enfrentados por jovens LGBTQIA+ em um país profundamente marcado pelo preconceito. No

entanto, a necessidade de suavizar a narrativa e a ausência de manifestações públicas de afeto evidenciam as restrições impostas pela sociedade e pela indústria midiática. *A Próxima Vítima* abriu caminho para futuras representações LGBTQIA+ na televisão brasileira, mas também revelou a necessidade de ampliar a diversidade dessas narrativas, contemplando diferentes expressões da identidade homossexual e combatendo os estereótipos que ainda persistem.

A telenovela não apenas refletiu a realidade de muitos jovens da época, mas também ajudou a ampliar o debate sobre diversidade e representatividade na televisão. A abordagem inovadora de Sílvio de Abreu abriu espaço para discussões mais amplas sobre identidade, afetividade e os direitos da comunidade LGBTQIA+ no Brasil.

5 CONCLUSÕES

A Próxima Vítima gerou debates significativos sobre racismo e homofobia no Brasil. Há três décadas a telenovela foi pioneira ao abordar temas como homossexualidade e negritude na teledramaturgia brasileira, desafiando estereótipos e promovendo debates importantes na sociedade. Embora tenha enfrentado críticas, *A Próxima Vítima* contribuiu para a reflexão sobre diversidade e inclusão, influenciando produções posteriores e a percepção pública sobre esses temas.

As representações da homossexualidade e da negritude na telenovela *A Próxima Vítima* (1995) marcaram um importante avanço na teledramaturgia brasileira, desafiando estereótipos e promovendo um debate social sobre diversidade e inclusão. Ao apresentar uma família negra de classe média e um casal homoafetivo em uma trama de grande audiência, a telenovela trouxe visibilidade para grupos historicamente marginalizados na televisão. Contudo, apesar dos avanços, algumas limitações foram observadas na abordagem dessas temáticas.

O rompimento com o estigma de que personagens negros estavam restritos a papéis subalternos foi um marco significativo. A família Noronha representou um esforço para desconstruir a ideia de que o sucesso social era um privilégio exclusivamente branco, oferecendo um novo modelo de representatividade para a população negra. Entretanto, a escolha de retratar essa família sem um aprofundamento mais crítico sobre o racismo estrutural pode ser vista como uma suavização da realidade, evitando um confronto mais direto com as desigualdades raciais ainda presentes na sociedade brasileira.

A abordagem da homossexualidade também foi inovadora, especialmente ao retratar a relação entre Jefferson e Sandrinho com sensibilidade e respeito. A estratégia do autor de

construir personagens carismáticos antes de revelar sua orientação sexual foi eficaz para conquistar a aceitação do público. No entanto, a ausência de manifestações públicas de afeto entre os personagens evidencia as restrições impostas pela indústria televisiva e pela sociedade da época, revelando a dificuldade em naturalizar relações homoafetivas em produtos de grande audiência.

A recepção do público e da crítica demonstrou tanto os avanços quanto as resistências enfrentadas pela telenovela. Se por um lado *A Próxima Vítima* abriu caminho para novas representações, por outro, mostrou que a luta por uma teledramaturgia verdadeiramente plural e representativa que ainda é um desafio. A televisão, como um dos principais formadores de imaginários sociais, tem um papel crucial na promoção de discursos mais inclusivos e na desconstrução de preconceitos arraigados na cultura brasileira.

Ao longo das últimas décadas, a televisão brasileira tem avançado na representatividade de minorias, com narrativas cada vez mais diversas e inclusivas. No entanto, é essencial que essas representações não apenas existam, mas que sejam aprofundadas de maneira crítica e realista, evitando a superficialidade e garantindo um espaço autêntico para vozes historicamente silenciadas.

Dessa forma, *A Próxima Vítima* continua sendo uma referência importante na história da teledramaturgia brasileira, servindo como um exemplo de como a ficção pode provocar reflexões e impulsionar mudanças na sociedade. Seu legado reforça a necessidade de um compromisso contínuo da mídia com a diversidade e a inclusão, garantindo que diferentes identidades e experiências sejam representadas de maneira digna e significativa.

REFERÊNCIAS

- ANDREWS, George Reid. *Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- ARAÚJO, Joel Zito. *A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira*. São Paulo: Senac, 2004.
- BALBINO, Jéfferson. *Teledramaturgia: o espelho da sociedade brasileira*. São Paulo: Giostri, 2016.
- BALBINO, Jéfferson. *Representações e recepção da homossexualidade na teledramaturgia da TV Globo (2005-2015)*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2019.
- KELLNER, Douglas. *Media culture: cultural studies, identity, and politics between the modern and the postmodern*. New York: Routledge, 2001.

MEMÓRIA GLOBO. *A Próxima Vítima*. Disponível em:

<https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/a-proxima-vitima/>. Acesso em:
27/04/2025.

NAPOLITANO, Marcos. *Como usar a televisão na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2003.

TV GLOBO. *A Próxima Vítima*. Escrita por Silvio de Abreu – com colaboração de Maria Adelaíde Amaral e Alcides Nogueira, 1995, 203 capítulos. Elenco: José Wilker; Susana Vieira; Tony Ramos; Cláudia Ohana; Aracy Balabanian; Tereza Rachel; Yoná Magalhães; Rosamaria Murtinho; Gianfrancesco Guarneri; Lima Duarte; Vivianne Pasmanter; Natália do Vale; Marcos Frota; Paulo Betti; Camila Pitanga; Selton Mello; Deborah Secco; André Gonçalves; Eduardo Felipe; Georgiana Góes; Pedro Vasconcelos; Isabel Fillardis; Zezé Motta; Antônio Pitanga; Nicette Bruno; Flávio Migliaccio; Vera Holtz; Otávio Augusto; Cecil Thiré; Glória Menezes, entre outros.

Informações Adicionais

Biografia profissional	Pós-Doutorando em Ensino de História pela UFPB. Doutor e Mestre em História pela UNESP, com ênfase em História Cultural. Desenvolve pesquisas voltadas à história da televisão brasileira, com especial interesse na teledramaturgia e suas interfaces com cultura, política, sociedade e processos de recepção. Possui diversos artigos publicados em periódicos científicos nacionais e internacionais e tem participado de eventos acadêmicos no Brasil e no exterior. Paralelamente à carreira acadêmica, é também jornalista, ator e autor das obras <i>Teledramaturgia: o espelho da sociedade brasileira</i> , <i>Operários da arte e representações e recepção da homossexualidade na teledramaturgia da TV Globo</i> (2005-2015).
Endereço para correspondência	Rua Levy Baldassari, 421 – Centro – Jacarezinho/PR, CEP: 86.400-000.
Financiamento	Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (FAPESQ).
Conflito de interesse	Nenhum conflito de interesse foi declarado.
Aprovação no comitê de ética	Não se aplica.
Preprint	O artigo não é um preprint.
Método de avaliação	Revisão por pares anônima dupla (Double anonymous peer review).
Direitos autorais	Copyright © 2025, Jéfferson Balbino
Licença	Este é um artigo distribuído em Acesso Aberto sob os termos da Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (Licença CC BY).
Histórico editorial	<i>Data de Submissão:</i> 02/03/2025 <i>Data de modificação:</i> 27/04/2025 <i>Data de aprovação:</i> 30/04/2025